

Meus olhos cansados de paisagens/ são hoje do homem que a terra não quer. / Boiunas e botos, cavalos marinhos, / o grande mistério do mundo imaturo/ não vale o homem que a selva assombrou. / As águas barrentas, / os bichos com medo das cobras possantes, / as garças cismando à beira da mata, / não servem ao homem que a febre acabou. / Ficou na paisagem o nosso passado, / o tempo perdido com tanto rimário/ louvando Amazonas e mairaquitãs... / Agora que o tempo da inércia vai longe, / voltemos ao homem escravo na terra, / que se espera o futuro mas não despertou!
(Bruno de Menezes. *Ficou tudo na paisagem...* Revista Terra Imatura, Belém/PA, ano 3, n. 13, dez. 1940, p. 21).

Com a poesia de Bruno de Menezes, uma das vozes mais importantes do movimento artístico-cultural amazônico do século XX, abrimos a apresentação da décima primeira edição da Revista Arteriais, dedicada à primeira parte do *Dossiê Arte e Amazônia*.

Este espaço abre-se com o objetivo de contribuir para o conhecimento de singularidades e potências da produção artística da/sobre a região amazônica, seja no contexto da porção brasileira ou de outros países sul-americanos. Dessa maneira, o conjunto de textos que compõem o presente dossiê são fruto de pesquisas que colocam a arte como campo de conhecimento, que debatem Arte e a Amazônia, em suas múltiplas camadas: social, simbólico, histórica.

O presente número – todo em torno do dossiê – é composto por um portfólio e onze textos subsequentes, divididos em nove artigos, uma resenha e um ensaio.

O Portfólio apresenta a produção de Marise Maués, PV Dias e Keila Sankofa que ampliam a perspectiva da arte na região, conectam experiências intensas de viver o lugar e de articular seu fazer com imagens, memórias, suas territorialidades e ancestralidades, que chegam até nós por meio de imagens cheias de força de vida que o leitor pode conferir aqui.

Na seção de artigos, iniciamos com três textos que abordam artistas significativos, atuantes em distintas linguagens, que viveram na segunda metade do século XIX na região amazônica nas duas

capitais da borracha Belém e Manaus. O primeiro desses textos é O PODER DO TRAÇO DE CHRISPIM DO AMARAL, de autoria de Raúl Gustavo Brasil Falcón e aborda a produção gráfica caricatural de Amaral, sobretudo as peças veiculadas nas revistas *A Semana Ilustrada* (1887) e *O Estafeta* (1879) na capital paraense, enfocando de maneira divertida e jocosa acontecimentos da realidade nacional e local.

Em seguida, Márcio Páscoa apresenta o artigo DIMENSÃO ESTÉTICA EM TORNO DA PRODUÇÃO LÍRICA DE GAMA MALCHER, no qual promove uma síntese interpretativa da obra lírica desse compositor paraense. O autor destaca as óperas *Bug Jargal* (1890) e *Jara* (1895), estreadas no Teatro da Paz, compreendendo suas fontes de inspiração; além de adentrar no contexto musical prévio a Malcher na região e de explicar as organizações das temporadas líricas na casa do teatro belenense.

Os primórdios da atividade teatral no estado do Amazonas são focalizados por Thais Vasconcelos Franco de Sá Ávila no artigo A TRAJETÓRIA DE LIMA PENANTE E O ESPAÇO TEATRAL NO AMAZONAS NO SÉCULO XIX. No texto que privilegia a trajetória desse ator e empresário teatral paraense, pioneiro em terras amazonenses, destaca-se a iniciativa daquele que foi o primeiro teatro erguido no Amazonas, o Teatro Variedade Cômica inaugurado, provavelmente, em 1868.

O dossiê segue com o trabalho de Shakil Y. Rahim intitulado DESENHO E UNIVERSALIDADE: NOTAS SOBRE OS DESENHOS DE JÚLIO POMAR NA AMAZÔNIA, 1988. Nessa abordagem aos trabalhos em desenho do artista português Júlio Pomar, feitos no Xingu, tem-se registros das estruturas de movimento do corpo, da luz e do espaço, na representação dos rituais e práticas locais. O autor estabelece o conceito da *luz- visibilidade* da aldeia e da *luz-invisibilidade* da floresta, que “organiza as relações de claro-escuro, natureza-cultura e estrutura-entropia”.

O quinto artigo, INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS EM BELÉM: ENTRE MONUMENTOS E OUTRAS

POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO NA RUA, de Ubiraelcio da Silva Malheiros, tem como objetivo contribuir para a percepção da Arte Pública da Amazônia Urbana. O leitor encontrará uma abordagem contrastando monumentos tradicionais e intervenções artísticas aparentes nos meios e linguagens expressivas, que vão do grafite, dos *stickers*, do *stencil* e do teatro de rua a projeções de imagens na estrutura urbana, como o *vídeo mapping*. A ênfase é dada no contexto urbano do século XXI, na obra de artistas individuais e coletivos – de Eder Oliveira, Roberta Carvalho, Lucia Gomes, Daniel Ops, do Coletivo Conexão Rodovia Crew e Aníbal Pacha, do coletivo Animadores de Caixa.

Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França é autora de A CULTURA VISUAL DA MARUJADA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CULTURAIS DA JUVENTUDE BRAGANTINA-PA: O ESTADO DA ARTE (2014–2018), nosso sexto texto. A partir do estudo acerca da cultura visual presente na prática cultural da marujada pela juventude bragantina e a sua reverberação na cultura da escola, a autora debate, a partir de autores, noções e conceitos como os de cultura visual, juventude e diversidade cultural.

Temos como sétimo artigo A COBRA NA ARTE DE BERNADETE ANDRADE, de Priscila de Oliveira Pinto Maisel. A proposta é compreender as imagens da serpente encontradas nos desenhos, pinturas e intervenções artísticas da artista amazonense Bernadete Andrade, criados entre 1989 e 2006. No estudo, a autora considera referências da cultura amazônica e universal para suas análises, levantando a hipótese de que a linha e a cobra foram utilizadas pela artista como metáforas da criação.

Em seguida, temos o artigo GLAUBER ROCHA DESCOBRE A AMAZÔNIA: DISCURSO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO DOCUMENTÁRIO “AMAZONAS, AMAZONAS”, de autoria de Rosiel do Nascimento Mendonça e de Sérgio Ivan Gil Braga. O artigo faz uma análise do discurso fílmico do documentário de curta-metragem *Amazonas, Amazonas* (1965–66), dirigido pelo cineasta

baiano, buscando identificar que representações ele faz do Amazonas e da região amazônica. Em contraponto, fontes documentais e bibliográficas reconstituem a experiência atrás das câmeras, da realidade vivenciada pelo diretor na região, bem como os contextos sociais de produção.

John Fletcher apresenta o último artigo, CIRCUITO BQUEER: TEMPO E IMAGEM NEGRA LGBTQI+ NA AMAZÔNIA PARAENSE. A proposta é a reunião de aspectos memoriais, visuais e conceituais em torno das exposições de Rafael Bqueer realizadas em Belém em 2019. Imaginários locais e amazônicos, ativismo negro e LGBTQI+ são enfatizados nesse texto dedicado a Bqueer que, segundo o autor, possui uma “produção visual amazônica de alta voltagem política”.

A resenha MECARÕ, AMAZONIA IN THE PETITGAS COLLECTION, escrita por Leonor Veiga, integra a proposta de debate regional mostrando-nos a circulação do tema amazônico no imaginário artístico de artistas brasileiros e de outras origens da América Latina no contexto de uma exposição de arte realizada em Montpellier, Sul da França.

Esse número de nossa revista encerra-se com o ensaio IDENTIDADE E DIFERENÇA DE QUEM PINTA O CORPO PARA A FESTA: A TRAJETÓRIA DA POÉTICA DE RESISTÊNCIA DO GRUPO URUCUM (2001–2005), de Arthur Leandro. Trata-se de um texto escrito em 2005 e que publicamos postumamente. O objetivo do autor foi de analisar a atuação do Grupo Urucum, ao qual pertenceu o autor, focalizando nove ações performáticas questionadoras. Com essa inclusão, além de contribuir para a disseminação do legado de Leandro, compreendemos que os posicionamentos e atuações do grupo e do próprio autor enfatizem a postura política de nossa contribuição.

Denis Bezerra e Sávio Stocco